

## LGBTQIAPN+

¡U-ri-as!  
Muito prazer  
Eu sou o oitavo pecado capital  
Tente entender  
Eu sempre fui vista por muitos como o mal  
Não consegue ver  
Que da sua família eu sou pilar principal?  
Possuo você, possuir você  
Sua lei me tornou ilegal  
Me chamaram de suja, louca e sem moral  
Vão ter que me engolir por bem ou por mal  
Agora que eu atingi escala mundial  
Urias, 2019

Bicha estranha, louca, preta, da favela  
Quando ela tá passando todos riem da cara dela  
Mas, se liga macho  
Presta muita atenção  
Senta e observa a tua destruição  
Linn da Quebrada, 2019

Freud avançou em direção ao novo perante à visão de sua época. Ele foi revolucionário ao abordar o tema da “homossexualidade”, nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/2016), quando afirmou que a psicanálise se opõe decididamente à exclusão dos homossexuais como um grupo fora dos ditos normais e “que todas as pessoas são capazes de uma escolha homossexual de objeto e que também a fizeram no inconsciente” (p. 34).

No mesmo texto, mais adiante, traz a concepção da sexualidade perversa polimorfa: “demole a convenção do sexo heteronormativo e afirma o desejo sexual como perverso polimorfo. Qualquer prática sexual

condenável pela moral é legítima do ponto de vista do desejo” (Orsini, 2 de julho de 2022).

Assim, a experiência psicanalítica cria sons divergentes frente aos pensamentos lineares no início do século XIX. Nas páginas dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (Freud, 1905/2016), Freud segue nos dizendo que: “somos levados a afrouxar a ligação entre pulsão e objeto que há em nossos pensamentos. É provável que a pulsão sexual seja, de início, independente de seu objeto, e talvez não deva sequer sua origem aos atrativos deste [...]” (p. 38).

O que ele confirmaria, em 1915, em *Pulsão e suas vicissitudes*, no qual disse que o objeto é o mais variado na pulsão, que busca aquele

que lhe pode garantir a satisfação. No primeiro ensaio do texto, Freud (1905/2016) discute as teorias das “aberrações sexuais”, a partir de outros autores, e traz a visão da psicanálise, introduzindo-nos, por exemplo, à constituição bissexual dos seres humanos, ele diz que:

a escolha objetal independe do sexo do objeto, a possibilidade de dispor livremente de objetos masculinos e femininos, tal como na infância, em estados primitivos e épocas antigas, parece ser a atitude original, a partir da qual se desenvolvem [...]. (p. 34)

Complementou esta ideia ao abordar o hermafroditismo, quando “as características sexuais aparecem borradas, dificultando a determinação do sexo” (p. 29) e questiona, inclusive:

o interesse sexual exclusivo do homem pela mulher [...] problema que requer explicação, não é algo evidente em si [...]. A decisão sobre o comportamento sexual definitivo [...] é o resultado de uma série de fatores ainda não apreendidos em seu conjunto [...]. (p. 35)

Dando um salto no tempo e na história acompanhamos os movimentos dos anos 60 e 70, promovidos pelas feministas e por grupos LGBTQIAPN+, que avançaram nas lutas pela despatologização.

sobretudo a despatologização e a despenalização da homossexualidade [...] a categoria da homossexualidade é removida do manual internacional de doenças mentais (DSM-III, de 1980), e as práticas homossexuais são retiradas dos códigos penais de vários países, acompanhando um movimento jurídico-institucional de proteção dos indivíduos de diversas formas de discriminação. (Pombo, 2021, p. 138).

Hoje, a sigla aumentou e abrange os Pan/Poli, Não-binários, além de Lésbicas, Gays, Bi, Trans,

*Queer/Questionando, Intersexo e Assexuais/Arromânticas/Agênero*, estes grupos questionam as nossas formas de subjetivação, desconstruindo os modelos instituídos de sexualidade.

Seguindo com Judith Butler, em *Problemas de gênero* (1990/2003), as construções discursivas sobre sexo e identidade corporal propõem uma unidade reguladora, e diz:

o gênero é culturalmente construído: consequentemente, não é nem o resultado causal do sexo, nem tampouco tão aparentemente fixo quanto ao sexo. Assim, a unidade do sujeito já é potencialmente contestada pela distinção que abre espaço ao gênero como interpretação múltipla do sexo. (p. 24)

É importante também nos referirmos à revolução do feminismo e do feminismo negro que, em sua “terceira onda” (1970), passa a questionar a heteronormatividade bastante presente no feminismo branco. A análise crítica feita por Elsa Dorlin (2008/2021) traz uma abordagem interseccional importante na qual centraliza a questão da articulação entre *sexismo, gênero e sexualidade*, escrevendo um caminho para pensarmos historicamente os movimentos sociais que revolucionaram a visão estabelecida de sexualidade.

Elsa Dorlin retoma dois momentos da fabricação do gênero: a patologização de formas não heteronormativas de sexualidade pelo psiquiatra alemão Krafft-Ebbing; e os tratamentos cirúrgicos e hormonais prescritos aos pacientes intersexos por médicos como Robert Stoller e John Money — visando “adequar” a genitália a uma organização cromossômica ou morfológica, supostamente masculina ou feminina. Há, portanto, um pressuposto por detrás de tais protocolos médicos: o de que a natureza se organiza de forma binária, respondendo ao imperativo biológico de reprodução da espécie. (Martins Coelho, 2022, par. 5).

Um velho mundo novo, contemporâneo e desconhecido pelos psicanalistas — não a se-

\* Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro.

xualidade, esta faz parte, desde os primórdios, de nossas investigações, mas sim o gênero. Vamos lá! A ideia é que possamos conversar literariamente com estas LETRAS, pois elas representam lutas – de pessoas e de grupos – por reconhecimento e respeito.

A psicanálise é uma ciência do sexual ou uma arte erótica? Os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (Freud, 1905/2016) é uma obra de ciência do sexual ou uma arte erótica? Segundo Joel Birman<sup>1</sup>, esta é uma indagação que Foucault nos endereça e que encaminhamos aos autores.

André Luiz A. Vale (Rio de Janeiro) parafraseia o samba enredo da escola de samba G. R. E. S. Estação Primeira de Mangueira (RJ) trazendo-nos “a história que a história não conta” (2018), no ambiente psicanalítico, a respeito das restrições de seleção com base na escolha de objeto sexual. André passeia entre as roupas carcomidas e nos leva pelo seu potente texto que põe o dedo na ferida das instituições psicanalíticas ao questionar diretamente o impedimento de homossexuais fazerem a formação psicanalítica, adotando – particularmente a Associação Internacional de Psicanálise (IPA, por suas siglas em inglês) – o discurso patologizante e discriminador do modelo médico-psiquiátrico. Embora esta situação, ao longo do tempo, tenha mudado no papel, o autor considera que ainda é necessário trabalhar uma mudança de perspectiva que evite a patologização e aborde as razões socioculturais e políticas que a levaram a considerar esta ou aquela sexualidade como desviante.

Em uma linha de reflexão baseada em abordagens críticas de Foucault às ideias freudianas sobre a sexualidade e, também, sobre a própria prática da análise e os seus interesses, Sílvia R. Acosta (Buenos Aires) dialoga com a indagação expressa em nosso convite e traz-nos a polaridade entre *scientia sexualis* e *ars erotica*. A autora desdobra pers-

pectivas e posições críticas, em um passeio no qual separa a prática analítica de posições “normalizantes”, implicando-nos com a ética da escuta psicanalítica que oferece ao sujeito “um exercício auto-reflexivo onde – a partir da sua posição anterior e como determinado pelos seus movimentos inconscientes – procura um caminho de emancipação. A enunciação como um efeito subjectivador e criativo”.

Almira Correia (Brasília) nos fala da diversidade e da dissidência sexual e de gênero, e dos desafios para a psicanálise contemporânea. O argumento da autora se baseia no fato de que vivemos em tempos de fragmentação cultural, de diversidade, de pluralidade, e até de uso politizado de alguns dissidentes sexuais, em oposição a identidades LGBTI+ estáveis. Isso a leva a sugerir que estaríamos lidando com transidentidades e não com transexualidades. Ele se pergunta o que a psicanálise diz sobre isso e, seguindo Leticia Glocer, levanta a necessidade de repensar o lugar central da diferença sexual na entrada do mundo simbólico e entender que há perspectivas que não são patológicas, mas outras possibilidades de subjetivação.

No centro da polêmica em torno do leque que se abre ao considerarmos as concepções não binárias, Mariana Pombo (Rio de Janeiro) se posiciona, num plano teórico e questionador, aderindo aos estudos *queer* e feministas, e em particular às abordagens de P. Preciado, que considera a psicanálise a ciência do inconsciente patriarcal-colonial ou a teoria do inconsciente da diferença sexual. Se a diferença sexual, como divisão hierárquica, continuasse a ser a marca da subjetivação, da alteridade e do pensamento, estaríamos no caminho da patologização e da violência contra todas as expressões de dissidência. Ao contrário, ele propõe uma psicanálise que abra espaço para uma multiplicidade de diferenças e nos convoca a pensar nos efeitos da perspectiva patriarcal e colonialista que põe no centro do debate

as implicações da diferença dos sexos. Para Pombo é imprescindível ouvir as dissidências, acolher as provocações, questionar e repensar a psicanálise.

O texto de Sergio Lewkowicz (Porto Alegre) nos aproxima do sofrimento e das incontáveis dificuldades vividas por pessoas transgênero em uma sociedade violenta e transfóbica que discrimina, ataca e mata aqueles que não se adequam a uma heteronormatividade. O autor alerta para a guerra disfarçada e cruel contra essas pessoas não conformadas a uma sexualidade controlada, que começa no ambiente familiar e está disseminada em todos os espaços sociais, inclusive, entre os que deveriam acolher e cuidar, ocupados por profissionais de saúde e psicanalistas. Lewkowicz ressalta o perigo da narrativa psicopatológica e a necessidade de se enfrentar as transfobias psicanalíticas, em busca de novas formas de compreensão do humano, abrangendo sua singularidade e diversidade. O artigo faz um profundo percurso pelos estudos sobre a diversidade sexual, de uma forma que abrange situações e campos diversos, tanto o clínico quanto o social.

Gloria Seddon (Buenos Aires) apresenta a esfera brasileira e internacional sobre questões do processo de transexualização. Aponta as críticas de Paul Preciado aos psicanalistas. Traz marcadamente a discussão nas sociedades de psicanálise sobre os protocolos de redesignificação. Finalizando com sua visão sobre a importância da psicanálise e do diálogo com a comunidade LGBTQIAPN+.

## Referências

- Butler, J. P. (2003). *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Civilização Brasileira. (Trabalho original publicado em 1990).
- Dorlin, E. (2021). *Sexo, gênero e sexualidades*. Crocodilo. (Trabalho original publicado em 2008).
- Freud, S. (2016). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Em P. C. Souza (trad.), *Obras completas* (vol. 6, pp. 13-172). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1905).
- G.R.E.S. Estação Primeira de Mangueira (RJ) (2018). Histórias para ninar gente grande. Em *Sambas de enredo 2019: Beija-flor campeão 2018* [CD]. Universal Music, Edimusa - Editora Musical Escola de Samba Ltda.
- Martins Coelho, B. (2022). “Sexo, gênero e sexualidades”, de Elsa Dorlin: Uma genealogia das práticas teóricas feministas. *Cadernos Pagu*. 64. <https://doi.org/10.1590/18094449202200640024>
- Orsini, C. M. de B. O. (2 de julho de 2022). O Eu com isso: No meio do redemoinho. A ética do Grande Sertão. Atividade preparatória para 29º Congresso Febrapsi (evento virtual).
- Pombo, M. (2021). *A diferença sexual em mutação: Subversões queer e psicanalíticas*. Calligraphie Editora.

1. Comunicação oral realizada num Grupo de Estudos no Rio de Janeiro, em 11 de março de 2016.